

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

LOCUTOR - No ar o Grande Teatro Difusora, com Roberto Lis e seus Artistas, apresentando...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

LOCUTOR - UMA DAMA E DOIS VALVETES!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

LOCUTOR - UMA DAMA E DOIS VALVETES é mais um trabalho da autoria de Erico Cremer, que o Grande Teatro apresenta com a seguinte distribuição:

- Dona Hortencia..... ~~Antônia~~ *Linda Gay*
- Otávio..... ~~Augusto~~ *Antonio*
- Balbinete..... ~~Luiz~~ *Marcelo*
- Júpiter..... ~~Roberto~~ *Nelson*
- Cidália..... ~~Antônia~~ *Maria*
- Professor Trombet..... ~~Roberto~~ *Conrad*
- Augusta..... ~~Luiz~~ *Maria de Oliveira*
- Dr. Vitácio..... ~~Augusto~~ *Nelson*
- Elisa..... ~~Antônia~~ *Maria*
- Rodolfo..... ~~Roberto~~ *Roberto de São Paulo*

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

- LOCUTOR - Sonoplastia de..... Ruy Vergara Corrêa
- Sonotécnica de..... Elso Ramos
- Locução de.....
- Contra Regra de..... Emílio Bello
- Direção Geral de..... Roberto Lis

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

- Balbinete - Patrão, dá licença que eu interne as razão que me trouxe aqui?
- Hortencia - Pode falar, Balbinete.
- Balbinete - Tem aí um indevido ofracendo seus prestímo pra curtô do seu jardim.
- Hortencia - Ofrecendo o quê?
- Balbinete - Ofrecendo os seus prestímo pra curtô do seu jardim, Dona Hortencia, Qué dizê... falando otras impressão, tem aí um esgarada querendo se alugê de jardinero.
- Hortencia - Ora, Balbinete, por que você não o despachou logo? Você bem sabe que eu não estou em situação de ter um jardineiro aos meus serviços. Os tempos mudaram e o que sobrou do naufrágio ea fortuna que papai me deixou, apenas dá para que eu viva decentemente mas, mesmo assim, sempre com as rédeas na mão.
- Balbinete - Não foi por inguignorancia da setuação que eu vim fazê a respeitiva cononacção da presença do indevido, a quista é que ele não acredita nas minhas afirmativa e insseste em falá ca sinhora.
- Hortencia - Está bem, se é assim, vou repetir-lhe o que disse a você. Onde está ele? Na porta da frente ou na de serviço?
- Balbinete - Já transpois os ombra do portico da entrada principal e se encontra em decubito numa cadera do al.
- Hortencia - Você mandou entrar para o "hall" uma pessoa que você não sabe quem é, Balbinete? Você então não vê que isto é um perigo? Lembra-se que souo só mulheres ea casa e esse homem bem poderá ser um malleitor.
- Balbinete - Não é, não, dona Hortencia, não se assustemo. Pelo andá da carroce se conhece os passagero. A cara dele não é disso, não. O pobre tem in té cara de fôca. Eu não podia dexá o home do lado eterno da porta. Não is sai daqui, fazendo mau juiz da nossa casa. Ia sai dizemno que uma casa de ispequeto tão apredave era uma casa sem hospitaliaez. Foi eu que eu pensei e intreuzi o cujo no al.

CONTROLE - CONTINA MUSICAL

Hortência - Bom dia.

Otávio - Bom dia, senhora.

Hortência - (admirada) Como? É o senhor que se oferece para jardineiro?!...

Otávio - Sim, minha senhora, mas antes de entrarmos diretamente no assunto, quero pedir desculpas da minha insistência em falar pessoalmente com a senhora. Terei, talvez, perturbado os seus hábitos matutinos mas é tão grande a minha necessidade que não pude aceitar como definitiva a recusa da sua auxiliar doméstica.

Balbinete - (mais vez, encantada) Oxiliá doméstica!... A gente vê logo que é uma pessoa de indução. Fosse outro já me chamava eu de criada nas minhas fúrras.

Hortência - Pois eu lamento ter de repetir ao senhor a recusa da minha empregada. Acontece que infelizmente a minha situação atual não me permite o luxo de ter um jardineiro. Acredito, entretanto, que não há de ser muito difícil ao senhor encontrar outro emprego qualquer. Creio, mesmo, que até um emprego melhor do que o de simples jardineiro. Afinal, pelo seu aspecto, pelas suas maneiras, por tudo, enfim, cabe-lhe o direito de pleitear uma coisa melhor.

Otávio - Mas se me contento com o emprego simples que pleiteio, minha senhora, é porque já estou cansado e desenganado de conseguir outra coisa.

Hortência - É realmente extremo que tal possa acontecer.

Otávio - Por mais estranho que pareça é a verdade minha cara senhora.

Hortência - E o que fazia antes o senhor?

Otávio - Trabalhava como vendedor de perfumes nas horas vagas e cuidava de um pequeno jardim que tínhamos em nossa casa e que era a menina dos olhos de minha esposa. Ela morreu repentinamente e o choque tão brusco que sofri atordoi-me de tal forma que em vez de continuar a minha vida de trabalho para não interromper a educação de meus filhos, entrei-me completamente à dor e ao desânimo. Perdi meus freguezes, perdi minha casa e quando me apercebi que meus filhos acabariam morrendo ao cessar-paro foi que me decidi a lutar para salvá-los. Veio tarde, porém, a reação e descendo de degrau em degrau no meu orgulho, aqui me encontro à procura de um teto e de um pão para os meus filhos.

Balbinete - Coitado! Vê se dá um gaitinho, dona Hortência.

Hortência - É realmente muito triste o que se passa com o senhor e eu desejaria poder ajudá-lo, mas... Quantos filhos tem o senhor?

Otávio - Dois. Uma menina e um menino. Elisa e Raulo. Dois anjos de candura e de bondade. Só por eles é que ainda me arrasto nesta via crúcis.

Hortência - Se o senhor soubesse a luta interior que a sua história veio provocar em mim, uma luta forte entre o desejo de o servir e a impossibilidade de o fazer. Meus recursos são exíguos e mal dão para sustentar esta casa onde vivo com minha sobrinha e Balbinete.

Balbinete - Barbinete só eu. É nome francês.

Otávio - Se a senhora concordasse em me ceder a garagem para que eu pudesse morar com meus filhos, já seria uma grande coisa para mim. A título de tamanha bondade eu cuidaria do seu jardim pela parte da manhã e à tarde, então, trabalharia fora noutra coisa qualquer para dar-lhes o que comer e vestir.

Hortência - Eu gostaria muito de ajudar e seria realmente uma maneira de auxiliá-lo sem ter que mexer nas minhas míseras finanças, entretanto existe ainda um inquilino: minha sobrinha habituou-se a resolver por mim todas as questões de caráter doméstico, de forma que... eu não costumo fazer nada sem consultá-la, compreende?

Otávio - Compreendo perfeitamente. Uma vez que a senhora se habituou assim é justo que deseje consultá-la. Mas eu desejaria por causa de um entendimento entre a senhora e sua sobrinha. Só lhe peço que exponha bem o meu caso a ela e eu depois voltarei...

Balbinete - CIDA aqui, dona Hortência, a senhora vai perdê eu até o meu parêde de cunido exiliê doméstica num diácolo partecolá da senhora, mais porê a minha fraca apinião é que a senhora devia de arresorvê a quistê sem falá nada pra dona Cidália. Dexa o nome vir morá na garaja e depois comonica o causo, sinão ela num vai querê. A senhora sabe que ali é do contra. Afinal quem é a dona da casa, a proprietária do imovei não é a senhora? Pois intão arresorva e quem não gostô que se osente.

Hortência - É isto mesmo, Balbinete, você tem toda a razão. A dona da casa sou eu e devo proceder de acôrdo com o que o meu coração me pede. É os incomodados que se mudem. Pôde trazer os seus filhos e ocupar a garaja.

Otávio - Obrigedo, minha senhora, muito obrigado. Tenho ímpetos de ajoelhar-me a seus pés e cobrir-lhe de beijos as mãos. Deus há de lhe recompensar tanta bondade. É para você, que foi a minha advogada, os meus agradecimentos e as benções do céu.

Balbinete - Que bunito!...

Otávio - É agora peço licença para retirar-me. Vou depressa comunicar a meus filhos que eles já tem um lar. (Passos que se afastam)

Hortência - (voz de choro) Coitado! A sua alegria até me comoveu. Como se satisfizem com pouco os desgraçados!

Balbinete - Como ele fala bunito, não é mesmo dona Hortência?

Hortência - É agora, Balbinete, nem uma palavra à Cidália do que aqui se passou. É melhor que ela só saiba de tudo depois que o homem estiver aí.

Balbinete - Não precisa tê arreceio, dona Hortência. Pôde dexá cunido que eu fluan to o gáio.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Rodolfo - Tu gostas mais desta casa ou da outra que nós estevemos?

Elisa - Esta é melhor. Tem jardim, como aquela que nós moravamos no tempo da mãe.

Rodolfo - É também aqui nós temos mais liberdade porque na outra o papai não gostava que nós saíssemos de dentro do quarto.

Elisa - É era muito aborrecido a gente passar todo o dia fechada.

Rodolfo - Era mesmo. Então depois que a gente fazia as lições, dava uma vontade de gente sair um pouco, ir para a calçada ver o movimento.

Elisa - Mas o papai não deixava. Tinha medo dos automóveis.

Rodolfo - Dos automóveis só, não. Tinha medo, também, que nós brincássemos com as crianças da casa que eram muito travessas e mal educadas.

Elisa - Graças a Deus que agora a gente tem um jardim pra brincar.

Rodolfo - É mesmo. Vamos brincar de pega-pega, Lili?

Elisa - Mas o papai não quer que se pise nos canteiros e nem se faça barulho para não incomodar a dona da casa.

Rodolfo - Mas nós podemos brincar sem pisar nos canteiros e sem fazer barulho.

Elisa - Então vamos. Quem é o pega-pega? Tu ou tu?

Rodolfo - Vamos contar pra ver. (cantando) Uni du-ni-tê salamin min-guê, um sorvete colorate, uni du-ni...

Cidália - (afastada, ríspica) O que fazem vocês aqui?

Rodolfo - Estamos brincando.

Cidália - É por que não vão brincar na rua?

Elisa - Por que o papai não deixa.

Cidália - É com que direito invadem os jardins das casas alheias para brincar?

Rodolfo - Nós não invadimos nada. Nós moramos aqui.

Cidália - Moram aqui desde quando? Estão brincando comigo ou querem me fazer de bobo?

Elisa - Não senhora. Nós moramos aqui desde ontem de noite.

Cicélia - Mas morar aqui como? Com autorização de quem?

Rodolfo - - Meu pai alugou esta garagem da dona desta casa.

Cicélia - Será possível que titia tenha tido a coragem de fazer uma coisa destas?

Rodolfo - É possível, sim senhora, porque foi o meu pai quem disse e o meu pai não é mentiroso.

Cidália - Ah, mas isto não fica assim. Preparem-se para mudar de pouso porque eu não consentirei que permaneçam aqui.

CONTROLE - CARTINA MUSICAL

Cidália - Com que então, titia, a senhora alugou a garagem de nossa casa?

Hortencia - Como, minha filha?

Cidália - Estou perguntando se a senhora alugou a garagem de nossa casa.

Hortencia - Não, eu... quer dizer... aluguei, sim. Apareceu aí um homem insistindo muito... você compreende...

Cidália - Não compreendo, não, titia. Não compreendo que a senhora tenha tomado uma resolução desta natureza, sem saber se eu estava de acordo com ela.

Hortencia - Pois é, minha filha, eu sei que deveria ter insinuado se você estava conforme, mas acontece que o homem me fez uma proposta boa mas exigia uma resposta imediata. Você não estava... eu acreditei que...

Cidália - A senhora deveria ter pensado logo que eu não poderia concordar com algo semelhante absurdo. Como é que numa casa onde só há mulheres, nota-se pela porta de casa um homem que não se conhece?

Hortencia - Ora, minha filha, ele apresentou tantas cartas de recomendação, tantos atestados de conduta... diante disto eu não tive nenhuma dúvida...

Cidália - Com tantas cartas de recomendação e atestados, por que não procurou ele uma casa em vez dum garagem?

Hortencia - Que casa, minha filha? Você sabe perfeitamente a crise das habitações que atravessamos. Graças a Deus que ele ainda encontrou uma garagem desocupada.

Cidália - O que sei é que me aborreceu profundamente essa história e principalmente pela resolução ter sido tomada à minha revelia. Desde que estou morando nesta casa é a primeira vez que a senhora procede assim. Não se conforme com isto e não concordo que a garagem continue alugada. A senhora vai falar com esse homem hoje mesmo e vai dizer-lhe que procure outro lugar para servir-lhe de albergue.

Hortencia - Não é possível, minha filha. Isso seria um procedimento desumano. Você precisa compreender. E depois, cada um sabe onde lhe aperta o sapato. Toda a despesa da casa é feita com a minha renda e esta, atualmente, é uma ninharia. Estou atrasada no pagamento de impostos, estou atrasada no fornecedor de gêneros, no pedreiro, no leiteiro, enfim... tenho muitas contas a saldar.

Cidália - E penso poder ajudá-las com o ridículo aluguel de uma garagem?

Hortencia - Não digo isto, mas em todo o caso é pouco que for, sempre a, já pensei por várias vezes vender alguma das minhas jóias mas você se opõe...

Cidália - Claro que me oponho. Eu vendo jóias que eu estou muito necessitada e os compradores compreendem logo isto e tratam de tirar partido da situação. O que aconteceu? Uma jóia que vale cinco mil cruzeiros é vendida por menos de metade. Não, mil vezes não. Não concordarei nunca. A senhora está proibida de vender uma só de suas jóias.

Hortencia - Está bem, minha filha, concordo. Mas já que não posso dispor das minhas jóias, conceda-me, ao menos, que dispor da minha casa.

Cidália - Está bem, vá lá. Mas espero que ao menos aqui dentro de casa a senhora não ponha ninguém sem se consultar.

Hortencia - Esteja desconsolada, minha filha. Espero que a tanta eu não seja obrigada a desistir.

- Cidália - Bem, eu vou ao cabalheiro que estou justamente na hora marcada, se o Jorge telefonar diga-lhe que o espero à noite.
- Hortencia - Está bem, minha filha, vai com Deus. (Passos que se afastam, que se vão, meu Deus! Que temperamento horrível o desta menina! Balbinete é que tem razão quando diz que ela é do contra! É a máscara, as resoluções que não partem dela nunca parecem a sua aprovação. E para convencê-la é necessário o recurso da mentira. Deus que me perdoe e não me castigue com a invenção de tal história dos atrasos das minhas contas. Foi o medo de perder a partida que me arreastou a tal extremo.)

CONTROL: - CORTINA MUSICAL

- Balbinete - Dona Hortencia, tenho o prazer de lhe apresentá o meu namorado que que falá ca sinhore. Fala, Jupitér.
- Jupiter - Jupitér Belvindo dos Santo, um criado ao dispo da Madama.
- Hortencia - Obrigada. Muito prazer.
- Balbinete - Eu me arretiro que é pras minhas presença não discunstrangê o assunto. (Passos que se afastam)
- Hortencia - Pode sentar-se, senhor Júpiter.
- Jupiter - Perfiro apemaneçê no plano vertical, se a Madama não butá abejeção.
- Hortencia - Está muito bem, como o senhor quizer. (Pausa) Pode falar, estou às suas ordens.
- Jupiter - (com posse - tom de discurso) Percevera sinhora! Ao digiri as palavra que nesse momento digiro confronto a sua presença, essas tem o fim de solecetá uma anocencia das bondade do seu coração. Quiria numa episatela arrelatá o decorrê dos fato e dizê das minhas tenção. Da-se o caso, porem que a minha corografia é muito pessima e a sinhora podia permanecê na inguinorancia das minha pertença. Ai tences a razão de aqui eu me encontrá da corpo presenta pra pidi a mão da sua doméstica Balbinete que foi a ineleita vencedora no concurso matrimonial que eu me alistei. Mais desse momento o meu coração tá dispinourado na boca da sinhore, Madama Hortencia. Aguardo rancioso a sua premissão na esquetativa de um gentir anocencia da suas parte. Das minhas conduta e dos meus procedente, podais vê esse papale que é os atestado dos meus patrão. (Ruído de pupais)
- Hortencia - (após uma pausa) Ah, este aqui eu conheço. O doutor Ostergil.
- Jupiter - Seis ano servi ele, Madama, na mais bessoluta correição. Podais incagê.
- Hortencia - Não é necessário. Este atestado diz tudo: correto, honesto e trabalhador. Diante disto eu não tenho nenhuma dúvida em conceder-lhe a mão de Balbinete, a quem muito estimo. Ela não é apenas minha empregada. Foi companheira de infância e é também uma boa amiga. Só o que desejo é que o senhor seja para ela o que tenho certeza que ele será para o senhor. (chamando) Balbinete, pode vir. (Passos se aproximam)
- Balbinete - Pronto, dona Hortencia, tô aqui.
- Hortencia - O senhor Júpiter acaba de me pedir a sua mão em casamento. Da minha parte não ponho nenhuma objeção. Se é do seu gosto acudir ao pedido, considerem-se noivos.
- Balbinete - É do meu gosto, sir, Dona Hortencia. Esse nego que a sinhora tá vendo aí, o que tem de preto tem de bom.
- Hortencia - Já é uma qualidade para garantia de que serão felizes. E agora fiquem à vontade. (Passos que se afastam)
- Jupiter - Balbinete!...
- Balbinete - Jupitér!...
- Jupiter - Ela é cegareta. Foi mais ferri do que eu pensava. Também eu deitei os meus verbo que deixei a Madama atordida.
- Balbinete - Jupitér, dexa isso pra depois, Jupitér.
- Jupiter - O que é, Balbinete? O que é que tu qué?
- Balbinete - Tu agora é meu noivo, Jupitér!... me oculta-me! *Adonde que se vai - se não é noivo tá fustê e tá obrigad a bair? - 18/7/70*

Hortencia - Com licença um momento, sim Professor?

Trombet - Pois não, pois não, dona Hortencia, fale. Pois não, pois não, é sua a licença. Pode falar, como não, pode falar Dona Hortencia, fale.

Hortencia - O senhor aceita um refresco de Framboeza ou prefere uma limonada?

Trombet - Nada. Absolutamente nada, dona Hortencia. Sou um escravo do método e disto muito me gabo. Sou metódico por excelência, metódico, sim, metódico. O método, a meu ver, é tudo na vida e afastando dele tentemos todos a fracassar seja em que assunto ou terreno for. O método no terreno alimentar, por exemplo, quando não observado, causa aos indivíduos os mais sérios distúrbios, chegando mesmo ao extremo de se tornarem fatais em muitos casos. Não só os alimentos como também os líquidos ingeridos, devem ter quantidade e hora certas. O líquido preferencial deve ser o água pois que filtrada ou fervida é completamente inofensiva. As quantidades, entretanto, devem ser cuidadosamente medidas ou então o excesso, pelo volume que acumula no estômago, tornar-se-á prejudicial àquela que se ingerir.

Hortencia - Pois não, é isto mesmo.

Trombet - Óra muito bem, dona Hortencia, eu não sou apenas um homem metódico, sou também um rigoroso. Olho a quantidade dos sólidos que como da mesma maneira que meço as suas quantidades. E de igual forma procedo com os líquidos ingeridos. Água - três vezes ao dia: de manhã em jejum, à tarde e à noite, antes de deitar. Fora dessas vezes determinadas, sou incapaz de ingerir um centímetro cúbico do precioso líquido. Quanto aos sólidos faço apenas quatro refeições diárias, assim subdivididas: duas substanciais que são almoço e jantar e duas outras suplementares que são: o pequeno almoço matinal e o café vespertino. Fora dessas refeições, igualmente, sou incapaz de aceitar qualquer partícula mastigável.

Hortencia - Muito bem, muito bem.

Trombet - Vejamos agora do que consta o meu pequeno almoço matinal: uma chávena de leite com leite, um prato de linguiça de areruta ou tapioca, um pouco de presunto cozido e ovos quentes. Isto, invariavelmente, às oito horas de manhã. Ao meio dia uma sopa de aveia ou de massa, uma salada de legumes, um picadinho com batatas ou vagem; arroz, sobremesa e café. A refeição vespertina é quotidianamente semelhante. Uma chávena de chá preto com leite, torradas e queijo. O jantar que, invariavelmente, também, é posto à mesa precisamente ao soar das sete e meia, consta, geralmente, de um prato da mesma sopa do almoço, naturalmente aquecida, já se vê, mostardas ou espinafres fervidos em água e sal, batatas cozidas em molho de manteiga, arroz, sobremesa e café.

Hortencia - Muito bem, muito bem.

Trombet - Com semelhante regimen, em horas precisamente iguais, dia por dia, creia dona Hortencia que organismo algum, por mais frágil e delicado, será capaz de sentir o fadame de qualquer distúrbio. Eis a razão porque me encontro sempre com aspecto sério e gozando mesmo do mais invejável bom humor. E somente dele me afasto, abrindo exceções na época de determinadas frutas que o meu paladar aceita e reclama. Não são todas, já se vê. Há as que se excedem em ácidos e por isso tornam-se prejudiciais à ação do suco gástrico. Essas, naturalmente, como outras que se excedem no tanino, estão excluídas do meu cardápio. O fumo também, por suas propriedades intoxicantes, não faz parte dos meus hábitos. Posso mesmo dizer, sem exagero, que lhe tenho verdadeira aversão. É prejudicial.

Hortencia - Tem razão, Professor Trombet, tem razão. Deverá ser mesmo muito...

Trombet - Terrivelmente prejudicial, dona Hortencia. Terrivelmente prejudicial. Basta dizer que todas as notabilidades médicas, quer contemporâneas como extemporâneas, o condenam sem quaisquer reservas. Intoxica os pulmões, afeta o coração e prejudica de forma assás violenta a digestão estomacal. A nicotina é um veneno de ação lenta, porém terrível que o fumo impela factivamente para dentro do organismo. Não bastam os filtros nas as reclames mentirosas de certas fabricas produtoras de

artigo, afirmando que eles passaram por processos químicos que o isen-
taram do perigoso veneno, pois nem os primeiros têm a capacidade su-
ficiente para retê-lo da mesma forma que aos segundos falta a efica-
cia para exterminá-lo.

Hortencia - Também creio, professor Trombet.

Trombet - Outro alimento terrivelmente nocivo à saúde e ao bom desenvolvimento
do organismo e que desgrazadamente está muito generalizado entre a
nossa sociedade é o álcool que se mistura aos refrescos e que as mais
das vezes é ingerido completamente puro sob os mais variados e estapa-
fúrdios pseudônimos que, se conseguem mascarar-lhe o verdadeiro nome,
são, no entanto, impotentes para evitar-lhe as pesadas e desastrosas
consequências. Não raro nos apresenta ele os quadros mais humilha-
ntes e confrangedoras de rapazes à flor da idade, cambaleando pelas ru-
as e a proferir impropérios. E a embriaguez é a maior responsável pe-
lo rosário interminável de crimes que, quotidianamente, os matutinos
e os vespertinos nos anunciam. Quantos desses criminosos...

ESTUDIO
CONTEJÃO - COMEÇAM A SOAR NOVE BALALADAS ESPALDAS, DE RELÓGIO.

Trombet - ... uma vez dissipados os vapores do álcool, retomados os sua verda-
deira personalidade... Nove horas já, dona Hortencia?!... Que horror!

Hortencia - Nove horas, sim.

Trombet - Como pode o tempo passar assim tão rapidamente, sem que eu disto me
apercebesse, meu Deus? Ora como havia de ser. Que pergunta ingênua es-
ta minha. Eu hei de ser sempre um tolo. Naturalmente que só um assun-
to tão interessante e uma palestra tão inteligente e agradável como a
sua, teriam o poder mágico de enlevar-me a tal ponto que eu não sen-
tisse o tempo passar. Peço-lhe mil desculpas de não continuar e ouvi-
-la por hoje mas um homem metódico, como eu me prezo de ser, não pode
e não deve deitar-se alex das nove e mais da noite. Tenho justamente
dois minutos e dezessete segundos para andar até ao ponto do bonde,
três ou quatro minutos de espera e exatamente nove minutos e treze se-
gundos de perchar-se até o ponto de parada em frente à minha casa. Re-
tar-se-ão, portanto, quinze minutos e trinta segundos para entrar em
casa, tomar o meu habitual copo d'agua, fazer a minha oração, ceitar
e dormir. Muito boa noite, dona Hortencia, meus agradecimentos pela
cordial acolhida e queira ter a minha gentileza de transmitir meus
respeitos à sua gentilíssima sobrinha. (Passos que se aproximam)

Hortencia - Obrigada, professor Trombet. Muito obrigada. Queira esperar só um mo-
mentinho que eu vou chamar a empregada para acompanhá-lo até à porta.

Balbinete - Não é preciso me chamá-me, dona Hortencia, que eu já tô aqui. Já ba-
tê nove hora e já sabia que o professor Trombeta ia se arretirá-se.
Pode vim, seu Trombeta. Pode vim que eu acompanho o sinhô.

Trombet - Boa noite, dona Hortencia, boa noite. Muito boa noite, muito boa noite

Hortencia - Boa noite, professor.

Trombet - É uma grande dama a dona Hortencia. Uma grande dama. Uma grande dama.

Balbinete - (afastada) Andá, seu Trombeta, vem dum vez. Ôis que o sinhô vai eng-
gá talda.

CONTROLE - CORTINA MEDICAL

Hortencia - Quem foi que bateu, minha filha?

Cidália - Ora quem havia de ser. O doutor Espitácio. O messante doutor Espitácio.
Está na sala de visitas à sua espera.

Hortencia - Ah, sim? Vou então rebatê-lo.

Cidália - Não posso compreender, tia, como a senhora ainda não tenha percebi-
do o quanto pode ser prejudicial e até mesmo comprometedora a essa in-
deu do professor Trombet e do doutor Espitácio em nossa casa.

Hortencia - Ora essa, minha filha! Prejudicial por quê? Comprometedora em quê?
São amigos frequentadores da nossa casa desde o tempo da poeira.

- Cidália - Mas os vizinhos não sabem, cisto e solos só mulheres em casa, não esqueça.
- Hortência - Ora, havia de ter muita graça que fossem comentar qualquer coisa da minha amizade com eles.
- Cidália - É por que não? Nem eles estão tão velhos a ponto de serem considerados imprestáveis nem a senhora tão idosa a ponto de ficar isenta de um comentário. Trate de dar um jeito e despistar essas visitas. Elas me desagradam profundamente. Vá, vá recebê-lo e depois voltaremos a tratar do assunto.

CONTROLE - COMINA-MEDICAL

- Hortência - (falando muito alto) É a sua sobrinha como vai, a Leonor?
- Epitácio - É, sim, tem feito muito calor.
- Hortência - (gritando) Não é isto. Eu pergunto como vai a Leonor, a sua sobrinha.
- Epitácio - Ah, é. A senhora ainda tem o recurso da sobrinha mas nós, os homens, temos que aguentar o sol em cheio.
- Hortência - Não foi isso que eu disse. O senhor ouviu mal.
- Epitácio - Se faz! Um mal terrível! Então o sol do verão muito pior ainda, mas mudando de assunto, dona Hortência, a senhora sabe que lhe acho muito bem disposta agora?
- Hortência - (alto) É para ilusão, doutor Epitácio. Ando muito aturada de sorte.
- Epitácio - Ora essa! Por que não ha de passar na porta? Por causa da mordura que a senhora diz? Deixe disto, a senhora não é tão gorda assim.
- Hortência - (gritando) Não, doutor Epitácio, o senhor não ouviu o que eu disse. Eu disse que não estou tão bem como ~~parece~~. *parece, parece.*
- Epitácio - *no assunto?* Ah, pois é. A gente vê logo na sua fisionomia. Está alegre, sorridente, respirando saúde.
- Hortência - (alto) Se estou alegre é a sua alegria que me contamina.
- Epitácio - É muito bom. Vitamina é um medicamento muito poderoso. Pode-se mesmo dizer que é de um efeito quase milagroso. Qual é a vitamina que está tomando?
- Hortência - Não estou tomando vitamina nenhuma. (gritando) O senhor é que não entendeu bem.
- Epitácio - Ah, vitamina B6. Eu vou experimentar também. Pode ser que me dê bom resultado. Outro medicamento muito poderoso e que está fazendo uma revolução no momento, é a penicilina. Eu sou capaz de experimentar também. Pode ser que me cure umas enxaquecas que eu tenho e que me deixam todo mole.
- Hortência - (alto) ~~Eu já ouvi falar da tal penicilina. Dizer que é contada por~~ *Unidade - Injeção! Medicamento novo. A penicilina faz um e novidade.*
- Epitácio - Não é da idade não, Dona Hortência. Eu não sou assim tão velho. É muito mais provável que seja dos nervos do que da idade.
- Hortência - (gritando) Mas não foi isso que eu disse.
- Epitácio - Bem, sei é tolice, é dos médicos e não minha. Eu repito, apenas, aquilo que vários deles me disseram. Bem, isso não importa. Ou sendo com nervos ou sendo da idade, se a penicilina for boa de fato, eu ficarei curado. E com essa eu vou lhe pedir licença por que já são quase dez horas e eu já me excedi no tempo que deveria permanecer em sua casa. A senhora tem uma palestra tão boa, tão interessante, que a gente se distrae e vai indo, vai indo, vai indo e não sente que vai.
- Hortência - Um momentinho, doutor Epitácio, eu vou chamar a empregada para acompanhá-lo. ~~xxxxxxx~~

ESTUDIO - CAMPAINHA DE CHABADA

- Epitácio - Cavalô, nada. Vou de bunda. (gritando) Ére só a ideia de dona Hortência. O sucesso que eu faria é cavalô pela cidade! Era capaz até de sair por detrás pelas molengas. (gritando) ~~xxxxxxx~~

- Balbinete - Pronto, Hortencia.
- Hortencia - Acompanhe o doutor Epitácio até à porta, sim Balbinete?
- Balbinete - Sim senhora. (gritando) Pronto, doutor Epitácio, póde dá o pira que eu já tô aqui pra acompanhá o seu enterro.
- Epitácio - Não. Não vou pelo aterro. Vou pela Avenida que o caminho é mais longo mas é bem melhor.
- Balbinete - Coitado, ele não pesca neças cas creia, num é memo dona Hórtencia?
- Hortencia - É uma coisa horrível.
- Balbinete - Porquê ele não usa aquela guampa nas oréia? Acho que eleuvia mais melhor.
- Epitácio - Obrigado, muito obrigado. Hei de melhorar, sim, se Deus quiser. Muito boa noite, dona Hortencia é muito grato pela gentil acolhida.
- Hortencia - Boa noite, doutor Epitácio. Eu que lhe agradeço a visita.
- Epitácio - É uma grande dama, a dona Hortencia. A fidalguia personificada! (afastando-se) Uma grande dama! Uma grande dama!...
- Balbinete - (afastada, gritando) Não, seu Epitácio, por aí não. Adonde é que o sinhô vai, home de Deus? Aí é a porta do sanatório. A porta da rua é essa aqui.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- Balbinete - Dona Hórtencia mandô esse pedaço de pudim pras criança, seu Otávio.
- Otávio - Muito obrigado, Balbinete. Você e dona Hortencia são de uma bondade comovedora, com os meus filhos. Nem sei como poderei pagar-lhes.
- Balbinete - Ora essa, seu Otávio, pagá pra que? O que a gente faiz pelos inocente faiz de coração, sem visá arrecompênia.
- Otávio - Bem sei, e justamente por isso ainda é maior a minha gratidão.
- Balbinete - As criança merece pelos procedê. Todos qué bem elas. Inté o Jupitér.
- Otávio - Eu estaria aqui inteiramente feliz e nunca mais pensaria em me afastar se não fôessem as manifestações de desagrado de uma das pessoas da casa. Manifestações de antipatia pessoal, penso eu porque tenho a certeza de que tanto eu como meus filhos nunca fizemos nada que lhe pudesse desagradar. No entanto ela nos nega o cumprimento e quando é obrigada a dirigir-se a nós o faz com tal rispidez...
- Balbinete - (cortando) Já sei, vizinho, nem precisa acuntinua. Isso é coisa da intepática da dona Cidália.
- Otávio - Eu deveria calar, bem sei, mas acontece que às vezes a gente sente neecessidade de um desabafo e depois, Balbinete, você foi tão boa para mim, desde o princípio, que eu já lhe considero amiga e como tal deposito em você a confiança necessária para abrir-lhe o meu coração, expondo-lhe os meus sentimentos. Pelo que ela faz a mim eu não ligo maior importancia mas os meus filhos eu tenho consciencia que não deveriam ser tão maltratados por ela. Não é verdade que são educados, carinhosos e obedientes?
- Balbinete - Meu Deus! Eu sempre digo que essas criança não é desse mundo. Inda on tonte eu tava dizendo pro Jupitér: Assim é que eu quero que tu me arranje dois. Vô lhe contá que inté briguemo por causa dos garôço.
- Otávio - Brigaram? Mas por que?
- Balbinete - Porque eu quero que eles se chame Klisia e Rodorfo e ele não qué. Qué butá Barbenete e Jupitér.
- Otávio - Mas não vale a pena brigar desde já por causa do nome dos filhos, Balbinete. Vocês ainda nem se casaram.
- Balbinete - Tá bô, mas isso não tira. Eu tô cansada de vê a cagonha trezé os má bebé pra muita moça ante delas se casa-se.
- Otávio - Bem, isso é verdade. Realmente às vezes acontece.

- Balbinete - Pois é, mas esse ~~xxxa~~ caso da dona Cedália o sinhô num liga, não, sabe? Ela é assim. Ela é do contra. Não tomô sar de fruta. Complexos que ela tem, sabe? Si o sinhô visse como ela manda e dismanda dentro de casa? E isso que agora às custa da tia sem dá um miserável vintem pras despesas da casa. O que ela ganha é só pra se vesti, pra pintá as unha, pra in-crespá os cabelo e adocetra. É a gente que se aguentemo com as despesas.
- Otávio - Vejs só!
- Balbinete - Pur esse Luiz que me alomais como eu tô dizendo a verdade. E reclama tudo que dona Hortencia faz. Qué controlá a vida da veiôta.
- Otávio - Dona Hortencia é viuva?
- Balbinete - Viuva dadonde, seu Otávio? É danzela. Nunca se caso-se.
- Otávio - Que extranho! Uma creatura bôa... bonita que deve ter sido, porque até hoje ainda o é... foi rica, conforme ela mesma disse...
- Balbinete - Pois é, mas cá pra nós, seu Otávio, eu acho que ela iscoieia muito, se be? Eu disconfeio que esses dois veiôta que aparece aí siguido, gosta dela pra casá mas porem eles ainda não tivero corage de falá pra ela ou casamento. Eu ainda não quiz me metê mas qualquer dia eu ainda vô tô pá com eles pra sabê qual é as tenção que eles tem, purqué eu não vô de já eles fazê a dona Hortencia de bôba que eu quero muito bem ela.
- Otávio - Não, Balbinete, não faça isso. Deixe. Messas questões de coração a gente nunca deve interferir nem forçar os outros. É uma questão que só a própria pessoa deve resolver. Unir a nossa vida a uma outra vida, puramente por interesse ou vaidade material, sem que o coração tenha nunca sido ouvido nem consultado, é transformar a tristeza de ser só num inferno de luta, de tédio e de amargo arrependimento!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

- Balbinete - Pois sim que eles é só seus amiguinho! Pra mim é que a sinhora num ven dizê. Eu só muito iscolada pra acreditar nesses léro-léro. Só pulo geit dos dois a gente já vê. O ingrçado é que eles não se cansa de dizê que a sinhora é uma grande dama mais intê hoje nenhum dos dois se arreborveu-se e se o valétes da sinhora.
- Hortencia - Aí tens a prova de que ambos me procuram apenas por amizade.
- Balbinete - Conta pra mim bem dereitinho, dona Hortencia. Nunca nenhum dos dois falô ansim qualquer coisinha de casamento? Qualquer inderetazinha? (Pausa) Não mente.
- Hortencia - Bem... falar, propriamente, nunca nenhum falou. Agora... no tempo do papai, quando nós viviamos num grande estadao, é verdade que por várias vezes, tanto num como noutro, eu notei certas intenções. Depois veio o debaque e eles parece que esfirriaram.
- Balbinete - Ah, viu?!... Intão se minha discunfiança tinha uma básiá inicial. Pois intão agora dexa comigo, dona Hortencia, que mais dia, menos dia, um vai tê que vim às fala.
- Hortencia - Que esperança, Balbinete!... Nem pense nisto! Eu já passei da idade de pensar em casamento e alem disto... minha sobrinha iria ficar indignada comigo se eu viesse a tomar semelhante resolução.
- Balbinete - Óia, dona Hortencia, a sinhora vai me dá licença de le dizê que a sinhora tambem já passô da idade de se governada pela vontade dos otro. Dona Cedália é muito insperta. Ela tem é o dia criscido pra sua casa e pras jóia que a sinhora tem. Pur isso que ela num que que a sinhora se case. Óia, dona Hortencia, a sinhora prisaiga o meu consêio; num de bôla pra ela. Apareceu o valétes, é do seus agrado? Fecha os ôio e entra de cabeça. Manda dois pra um e paga pra vê.

- 2^o at -

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

- Balbinete - Óia aqui, Jupiter; eu perciso que você me ajude a ubrigê um desses dois cara e pidi a mão de dona Hortencia em casamento. É um caso que eu me nati de capricho e quero fazê.
- Jupiter - Dexa comigo, Balbinete. Dexa comigo que eu vô inzaminá or promenô do caso, apriço um gorpe em riba deles e quando eles se dá conta um tá no lago no pescoco.

Balbinete - Percisemo fazê as coisa com jeito pra elas não discunfiá.

Jupiter - Tu não confeia no Jupitér, Barbenetes?

Balbinete - Confeio, négo.

Jupiter - Pois então... boca de siri.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Otávio - Meus filhos, dona Hortencia veio trazer um presentinho de páscoa para vocês.

Hortencia - Uns óvinhos de assucar e de chocolate que o coelhinho deixou lá em casa para eu entregar aos dois.

Rodolfo - Ah, muito obrigado, dona Hortencia. A senhora é muito boa. Não precisa save a senhora se incomodar.

Elisa - Muito obrigada, dona Hortencia. Que lindos, Dôdô, repara!

Hortencia - É para repartiram igualmente mas eu também quero um presente de cada um. O que vai ser?

Rodolfo - Não sei... Papai... eu não tenho nada para dar a dona Hortencia...

Elisa - Eu tenho. Deu um abraço e um beijo.

Hortencia - Isto, muito bem. Era justamente o que eu estava reclamando de cada um. (beijos) Muito obrigada. Isto, para mim, vale muito mais que qualquer presente que me quizessem dar.

Rodolfo - Papai, espie aqui dentro deste ovo. Veja que maravilha!

Otávio - (depois de pausa) É. (pensativo) Uma igrejinha e um casalsinho que vai rezar. Lindo quadro!

Elisa - A senhora não quer sentar um pouco, dona Hortencia?

Hortencia - Não, minha filha, obrigada. Eu não posso demorar. Vim só trazer esse presentinho a vocês e pedir licença ao seu Otávio para que vocês, hoje à tarde, vão à matinê com Balbinete.

Rodolfo - À matinê, Elisa! Tanta vontade que nós tínhamos!

Elisa - É mesmo, que bom! Vamos ver se o papai deixa.

Hortencia - Deixa, não é verdade seu Otávio?

Otávio - (comovido) Ouça, dona Hortencia: a um coração como o seu, não se pode negar!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Jupiter - Deduzindo os permenô de romance vivido otréras por dona Hortencia, e cheguei nas conclusões que o vir meter é que traía as coisa pra ela naquele tempo.

Balbinete - Traía?

Jupiter - Sim, traía. Que dizê: chamava, puxava, capetava.

Balbinete - Intindô.

Jupiter - Ora muito bem! Considerando que, uma vez acantonada a crise metálica os pertendentes se alistou-se uexô de foia numa onife de consórcio, cristalino tá diante que papia de cada um que o dinheiro é que traía (que o dinheiro é que chamava, que o dinheiro é que puxava, que o dinheiro é que capetava. O que faz Jupitér? Se aproxima-se manhosamente do pessêdo pertendente e feiz uma intriga.

Balbinete - Uma intriga Jupitér?

Jupiter - Minti pros arreferido pertendente que dona Hortencia é muié de farto havé e que se apresenta sengêla pra invitá uma onife capetada polon interesse dos material. Barbenete! Os coisa cresceu um ôio desse tamanho!

Balbinete - Não me diz, Jupéter.

Jupiter - Tu vai vê só, Isipêro mais um macado e eles t'ão te pidindo a mão dela em união de casamento.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Epitácio - O fim da minha visita à sua casa esta noite, Dona Hortencia, é completamente diverso das demais visitas que anteriormente lhe tenho feito. Hoje ela traz um cunho definitivo para os nossos destinos, Dona Hortencia. Venho pedir sua mão em casamento.

Hortencia - (alto) Que coisa estranha, doutor Epitácio! Tantos anos o senhor e o professor Trombet frequentaram a minha casa sem nunca se terem manifestado claramente, um ou outro, sobre esta particular. Hoje, justamente, os dois se resolvem a fazer o mesmo pedido. Não faz uma hora o professor pediu também a minha mão em casamento. Pedi-lhe uns dias para pensar e ao senhor vou pedir o mesmo.

Epitácio - Se peço para mim mesmo? Mas é claro. Para quem mais haveria eu de pedir a sua mão, dona Hortencia?

Hortencia - (gritando) Não é isto, doutor Epitácio. Eu queria alguns dias para pensar.

Epitácio - Para casar, sim, está claro. Para que mais haveria eu de querer a sua mão?

Hortencia - Meu Deus, que coisa difícil a gente se entender com essa creatura!

Epitácio - Caradura por que? Porque lhe peço em casamento?

Hortencia - Eu não lhe chamei de caradura, doutor Epitácio. O senhor está fazendo confusão.

Epitácio - Perfeitamente. Pode fazer a sua confissão.

Hortencia - (gritando) Eu quero malher nós nos entendermos por escrito. Assim não chegaremos a nenhuma conclusão. Dentro de dois dias eu lhe escreverei uma carta, dando-lhe o meu assentimento ou então a minha recusa.

Epitácio - Recusa? Está bem. O que é que eu vou fazer? Não posso obrigá-la a aceitar o meu pedido. Agora, um consolo há de ficar comigo, dona Hortencia: seja qual for o seu aleito, a senhora não será tão feliz com ele como seria a meu lado. Passe muito bem. (Passos que se afastam. Hortencia ri.)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

Cidália - (furiosa) Ridículo. Simplesmente ridículo uma pessoa na sua idade ainda pensar nessa tolice de casamento. E depois se a gente pudesse dizer que os pretendentes prestassem para alguma coisa, ainda vá lá que largassem qualquer atenção nos seus pedidos, mas dois cacos velhos que não valem nem as roupas que vestem...

Balbinete - Ué, dona Cidália, cada um carga sapato do prego que peia.

Cidália - Cala a boca que eu não estou falando contigo. Não tens nada que te meter na conversa. Ela ainda não chegou na cozinha.

Balbinete - Não tenho que me metê umas pipoca. Se a senhora se meto pelo caso da sê subrinha de sangue eu também sê amiga do peito. Tá bôo como tá bôo.

Cidália - Tu não te enxergas? Vai para a cozinha que lá é o teu lugar.

Balbinete - O meu lugar é na casa toda, sabe? A minha patrão aqui é dona Hortencia e por inguento ela não se mandá, eu fico. Fico e bato boca na senhora.

Cidália - Pois então quem se retira sou eu.

Balbinete - Eu sei porque a senhora num qué o casamento da patrão.

Cidália - Tu não estou te perguntando se tu sabes ou não e a mim isso não interessa em absoluto. Quanto à senhora, titia, eu acho que já tem idade suficiente para saber o que faz. Adverte-lhe, porca, que de sua resposta a esses velhos ridículos, dependerá a minha permanência ou o meu afastamento desta casa. (Passos que se afastam.)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

Hortencia - A quem tenho o prazer de receber?

Augusta - Nada adiante dizer-lhe o meu nome porque a senhora não me conhece.

Hortencia - E o que deseja? Em que posso servi-la?

Augusta - Eu sei que a senhora foi pedida em casamento pelo doutor Epitácio; não é verdade?

Hortencia - Sim... é verdade.

Augusta - Pois eu queria avisar-lhe que ele vive há muitos anos com uma sanguinha minha e que ele já tem três filhos dele.

Hortencia - Que horror, meu Deus!... Como é que um homem desses tem a coragem de se aproximar de uma moça e pretender casar-se com ela?

Augusta - Eu logo vi que a senhora não sabia, foi por isso que me apressei em avisá-la.

Hortencia - Pois fez muito bem. A sua visita foi até providencial porque vou lhe dizer a verdade: veio resolver uma situação muito crítica para mim. No mesmo dia em que o doutor Epitácio me falou em casamento o Professor Trombat também pediu a minha mão. Eu estava completamente indecisa e a sua denúncia veio resolver a questão.

Augusta - Mas ao Professor Trombat a senhora também não deve aceitar.

Hortencia - Por que?

Augusta - Porque ele está na mesma situação do Doutor Epitácio.

Hortencia - E como é que a senhora sabe?

Augusta - Porque sou eu a amante dele.

Hortencia - Ah, meu Deus!... Ah!... Que decepção!... Que horror, meu pai!... Uma criatura esperar tantos anos o seu príncipe encantado e por fim sofrer um golpe tão rude!... Ah!... (Passos que se aproximam) Eu tenho até a impressão de que vou desmaiar!

Balbinete - Crede, dona Hortencia!... O que é que a senhora tem?!

Hortencia - Acho que vou desmaiar, Balbinete! Sabes quem é essa que aí está?

Balbinete - Como é que eu vou saber se nunca vi a cara da cuja mais ante?

Hortencia - É a amante do Professor Trombat, Balbinete!

Balbinete - Ah, é? Paiu, mocinha, disguida que isso aqui é casa de família, seba? Vamo pra rua digero mais ante que eu te chegue a lenha. Vamo, vamo, aturada. (AS VOZES VÃO SE AFASTANDO COM PASSOS RUÍDO DE TAPAS E GRITOS DE AUGUSTA) Vamo, disavergonhada. Cara dislavada. Como é que tu vem te metê na casa ass família, condenada.

CONTROLE
CONTROLE - CORTINA MEDICAL

Hortencia - Não lamentes o trabalho perdido, minha boa Balbinete. Foi bom, foi muito bom. Há males que vem para bem. Só diante da mentira de Júpiter foi que eles se decidiram a pedir-me em casamento. Eu, que eu do ignorava, seria capaz de aceitar e um dos dois e quando eles descobrissem que eu não passava realmente de uma pobrezona, sem outros bens que uma cruz e as minhas joias, talvez se vingassem da esparrela desrezando-me e maltratando-me. A minha decepção seria então muito maior e mais dolorosa.

Balbinete - É, dona Hortencia, tem razão. Foi mais melhor assim mesmo. Pra quem Deus promete não falta e o que é de gente ou não dá gente vem daí.

CONTROLE - CORTINA MEDICAL

Cidália - Não!... É Augusta?

Augusta - (sem ouvir a pergunta) Sim. Quem fala aí?

- Cidália - É Cidália. Não conhecestes a voz?
- Augusta - Meu Deus, a sua voz está tão longe. Por que?
- Cidália - É que eu estou falando baixo para que não me escutem. Sabes que o nosso plano deu ótimos resultados?
- Augusta - Sim, acredito que tenha dado ótimos resultados para ti. Eu cheguei em casa toda machucada.
- Cidália - Coitada! Mas me prestaste um grande favor. Sabes que eu acho que tu devas ter representado muito bem o teu papel porque a velhota acreditou piamente em toda aquela história?
- Augusta - Menos mal. Ao menos não foi sem proveito que apanhei tanto.
- Cidália - Um dia hei de recompensar-te, Augusta. Quando deitar mão nas joias dela hei de fazer-te presente de um anel. Adeusinho, querida, eu estou aflito para desligar antes que venha alguém. Só queria te participar que o plano deu ótimos resultados!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- Otávio - Trouxe as crianças para se despedirem da senhora, dona Hortencia, e agradecerem, comigo, todo o bem que a senhora nos fez.
- Hortencia - Nada tem que me agradecer, seu Otávio. O que fiz foi por satisfação íntima e nada mais. Por que não deixa que ao menos as crianças fiquem em minha companhia? Eu cuidaria bem delas.
- Otávio - Não tenho a menor dúvida, Dona Hortencia, mas o emprego que arranjei é muito distante daqui e eu não poderia vê-los todos os dias. É a razão porque os levo para perto de mim.
- Hortencia - Tenho pena, muita pena de me separar dessas crianças.
- Otávio - E elas também porque já lhe querem muito bem e com justa razão, mas a senhora ha de compreender e perdoar o meu egoísmo de pai.
- Hortencia - É claro que compreendo e se não insisto é porque no fundo lhe dou razão. Quando vai? Esta noite?
- Otávio - Não senhora. Amanhã de manhã. Apressei-me em vir apresentar as nossas despedidas porque vamos sair muito cedo. Vamos, meus filhos, despedam-se da dona Hortencia e agradeçam.
- Rodolfo - Adeusinho, dona Hortencia. Muito obrigado por tudo. A senhora foi uma mãe para nós. Sempre nos lembraremos da senhora e vamos sentir muitas saudades suas.
- Hortencia - (chorando) Eu também, meu filho, eu também vou sentir muitas saudades de vocês.
- Elisa - Adeusinho, dona Hortencia. (Beijos) Muito obrigada por tudo e desculpe alguma falta.
- Hortencia - Não tenho nada a desculpar, minha filha. Adeus. Que Deus os acompanhe e sempre que puderem venham visitar-me para que eu possa matar as saudades que vou sentir.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TRISTONA

- Balbinete - Qué dizê, então que amanhã cedo o sinhô dá o pira memo?
- Otávio - É verdade. Infelizmente sou obrigado a deixá-las. Vou sentir muito.
- Balbinete - Pois quando eu cheguei em casa a dona Hortencia me disse que o sinhô tinha ido lá com os garoto se adispidi. Peguei vim dizê adeus. E ainda que nar prigunte... que emprego foi que o sinhô arranjô, seu Otávio?
- Otávio - Foi... foi... (Pausa) Escute aqui, Balbinete: você será capaz de guardar um segredo?
- Balbinete - Óra, seu Otávio, o sinhô ainda na prigunte? Eu só um pogo, uma cata-tumba. Póde fala.

Otávio - Eu não arranjei emprego nenhum. Arranjei, apenas, um barracão velho para ir morar com as crianças e vou sair por um motivo muito mais sério do que aquele que aleguei. Vou sair porque, infelizmente, apaixonei-me por dona Hortência e um homem na situação em que eu me encontro não tem o direito de aspirar a tanto. Seria pretender alcançar as estrelas. A verdade, porém, é que mesmo compreendendo o abismo imenso que nos separa, a imagem dela não me abandona um instante e eu não posso mais ter um momento de sossego. Nem de noite, nem de dia. É uma luta constante da qual eu sinto que sairei vencido se não fugir para muito longe, onde não possa vê-la nem ouvi-la. Eis a verdade, Balbinete. A dolorosa verdade!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Hortência - será mesmo possível tudo o que você me conta, Balbinete? Eu não estou rei sonhando?

Balbinete - Mas se a senhora nem chegou a drumi como é que ia sonhar muié de Deus? Dexe de fantasia. Pur essa luz que me ilumina como tô lhe contando a verdade. E esse, dona Hortência, é um valete de ouro. Esse gosta da senhora de verdade. No duro, Esse não vai atraiz dos seus havê. Os otro era uns interessero que andava aí atraiz de meia pataca.

Hortência - É isso mesmo, Balbinete. Tu tens razão.

Balbinete - Tenho razão, eu sei. Não preciso que a senhora digue. E agora eu vou lá dizê pra ele que contei tudo pra senhora e que a senhora mandô piá pra ele ficá.

Cidália - (afastada) Você não vai dizer coisa nenhuma. (Susto de Hortência e Balbinete que dão um gritinho) Proibo-a de servir de alcoviteira para minha tia e aconselho-a a acabar de vez com essa mania de querer se arranjar-lhe valetes. Eu compreendo perfeitamente o seu jogo.

Balbinete - Eu é que tô manjando o jogo da senhora. A senhora que avançá nas ficha que ainda tão sobrando mas isso num vai anseia, num pense não. Bamo vê quem é que tem a parada mais erta pra arrastá elas.

Cidália - Tome juízo, é o que é. Lembra-se do recente fracasso das suas negociações amorosas para tia. O que lhe arranjou você? Dois velhos libertinos, ligados por relações ilícitas a criaturas inescrupulosas.

Balbinete - Inescrupulosa é a senhora que eu bem que uvi as suas conversa ca otra discarada que tave aí se fingindo-se de amante do véio pra disafestá ele da dona Hortência. Mais dexa que ela levô o que era dela.

Hortência - O que é que você está dizendo, Balbinete?

Balbinete - A verdade que se passo-se, dona Hortência. Aquela sojeitinha que teve aí, semolando sé amante do professor Trombeta, era uma amiga da da na Cedaia que tava agumbinade com ela.

Cidália - (ódio) É mentira dessa negra ordinária.

Balbinete - É verdade, dona Hortência, é verdade. Pur essa luz divina como é verdade. Ela até disse pra otra no telefones que o dia que ela butasse as mão nas joia da senhora que ela dava um anelo pra ela.

Cidália - A senhora acredita no que diz essa intrujona, tia? (Pausa) Responda tia. A senhora acredita no que ela disse?

Hortência - Acredito, Cidália. (exclamação de Cidália) Ainda que a verdade seja dura e dolorosa, sou obrigada a acreditar porque Balbinete nunca mentiu.

Cidália - Está bem. Deante disto eu não ficarei mais dentro desta casa. (com ódio para Balbinete) Bisbilhoteira! Intrigante! Tu ainda has de me pagar bem caro. (Passos que se afastam e porta que bate com força)

Balbinete - (para longa) Interessera. Falsante. Xuja. Vai que tu já vai talda.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

Otávio - Sabe bem o perigo a que se expõe pedindo-me que fique, dona Hortência?

Hortência- Sei, seu Otávio, sei. Mas eu sempre fui assim. Sempre gostei de enfrentar o perigo.

Otávio - E não tem receio de um dia se arrepender deste momento em que se deixou levar pelo enternecimento do seu coração?

Hortência- Não, seu Otávio, não tenho nenhum receio. O amor, nas criaturas de madura idade, como nós, é um sentimento que obedece a um comando combinado do cérebro e do coração. Um ou outro, sósinhos, estão sujeitos a fracassar, mas quando os dois se reúnem e cada um entra com a parte da força de que dispõe, a vitória é certa.

Otávio - (terno) Dona Hortência!... Parece-me tudo um sonho!...

Hortência- Um sonho lindo, seu Otávio. Um sonho lindo!

Balbinete- (afastada) Dona Hortência, eu vó intrá!

Hortência- (susto) Ai!... Que susto me deste, Balbinete.

Balbinete- É que a senhora tá nervosa, Dona Hortência. É isso. Óia aqui, Jupiter, vem vê que quadro encantado! (declamando) Na estrada silenciosa do destino, duas sômbrias errantes se encontraro!...

Jupiter - E deis de intão, depois daquela dia, nunca mais, nunca mais se assaparaço!... (falando com põa) Dona Hortência, o que me traiz nas suas presença é o seguinte consiguente: eu não posso mais vivê assapareado do meu torrão de assúca mascavo e tão depressa incontre um cantinho pra butá os nossos taréco, tô me casando cum ela.

Hortência- Pois então, Júpiter, o cantinho está arranjado. Dentro de poucos dias seu Otávio passará da garage para dentro desta casa, onde será o meu rei e o meu senhor. A garage ficará para vocês.

Jupiter - É memo, dona Hortência? A senhora tá falando isso sério?

Hortência- Claro que sim. Repito o que disse: dentro de poucos dias a garage ficará para vocês.

Júpiter - Tê ráite men in te raita place, como diz os intaliano.

Balbinete- Troca isso em miudo, Jupitér que eu não intindi nécas.

Jupiter - O chofé na garaça que é o lugá dele.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE POR ALGUNS MOMENTOS.

Locutor - O Grande Teatro Difusora apresentou "Uma dama e dois valetes" que teve a seguinte distribuição:

Dona Hortência.....	Nina Rosa
Otávio.....	Avalons Filho
Balbinete.....	Lília Maria
Júpiter.....	Mário Hornes
Cidália.....	Almé Castro
Professor Trombet.....	Roberto Lis
Augusta.....	Lídia Ilzuk
Dr. Epitácio.....	Vitor Morá
Elisa.....	Vera Regina
Rodolfo.....	Pitágoras.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL.

Locutor -	Sonoplastia de.....	Ruy Vergara Corrêa
	Sonotécnica de.....	Elso Ramos
	Contra Regra de.....	Emílio Bello
	Direção Geral de.....	Roberto Lis

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL.